

GUERRA NO LESTE EUROPEU

Ucrânia cruza linha vermelha de Putin

Forças ucranianas disparam mísseis norte-americanos de longo alcance contra o território russo. Líder do Kremlin assina decreto que modifica a doutrina nuclear de Moscou e amplia as circunstâncias para a utilização de armas atômicas

» RODRIGO CRAVEIRO

A data escolhida foi simbólica. No milésimo dia da guerra e 48 horas depois de os Estados Unidos darem o seu aval, o Exército da Ucrânia disparou projéteis de longo alcance do Sistema de Mísseis Táticos do Exército (ATACMS), de fabricação norte-americana. Os mísseis atingiram um depósito de munições na região russa de Bryansk, 247km a noroeste da cidade de Kursk, onde estão mobilizados cerca de 10 mil soldados da Coreia do Norte.

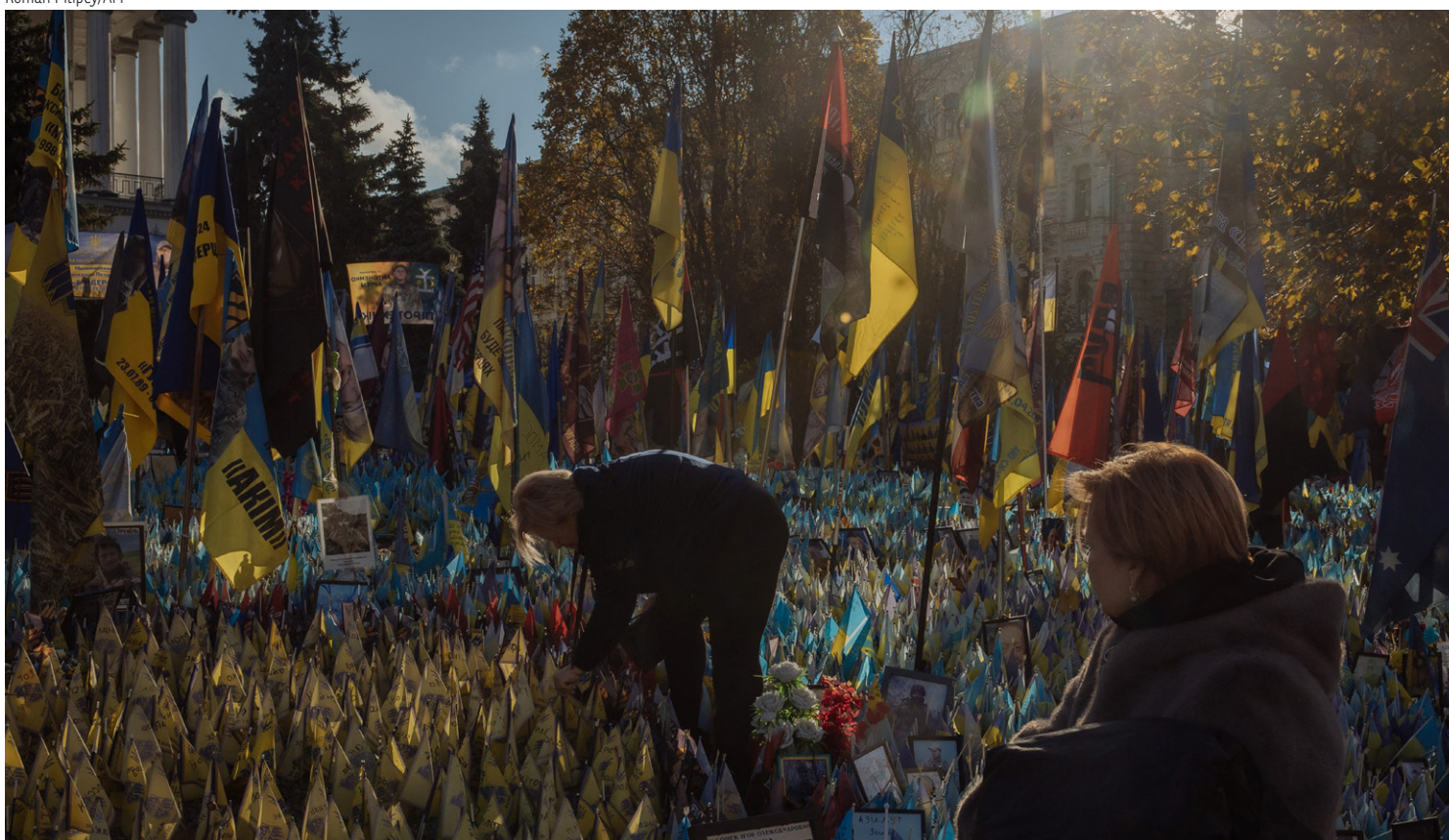
Em visita ao Rio de Janeiro, onde participou da cúpula do G20, o ministro das Relações Exteriores da Rússia, Serguei Lavrov, advertiu que o ataque sem precedentes abre uma “nova fase da guerra do Ocidente contra a Rússia” e prometeu uma resposta “adequada”. De acordo com o ministro da Defesa russo, cinco mísseis foram derrubados e outro danificou uma instalação militar, afetada pelos destroços, que causaram um incêndio.

Lavrov responsabilizou, indiretamente, os Estados Unidos pelo ataque. Ele destacou que é impossível usar os mísseis do ATACMS “sem a ajuda de especialistas e instrutores dos Estados Unidos”. O chanceler disse que os militares norte-americanos fornecem “dados de satélite, a programação e o alvo” dos mísseis. Sem mencionar o incidente, o presidente Vladimir Putin modificou a doutrina nuclear de Moscou, ao assinar um decreto que amplia as circunstâncias nas quais seu país poderia utilizar armas atômicas.

As hipóteses incluem o uso de armas nucleares contra uma nação que não as possua, como a Ucrânia, mas que seja apoiada por uma potência nuclear, como os EUA. “É uma medida necessária para adaptar nossos fundamentos à situação atual”, justificou-se o Kremlin. Os Estados Unidos, o Reino Unido e a União Europeia condenaram a decisão “irresponsável”.

Putin tinha determinado que o uso de mísseis ocidentais de maior alcance representaria uma linha vermelha. Segundo o chefe do Kremlin, os países-membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) “estariam em guerra com a Rússia” se permitissem à Ucrânia atacar com esses armamentos.

Roman Pilipey/AFP



Ucranianos visitam memorial aos soldados mortos na guerra, no milésimo dia da invasão russa, na Praça da Independência, em Kiev

Mads Claus Rasmussen/Ritzau Scanpix/AFP



Vladimir Putin autoriza uso de arma nuclear em situação específica

Chamado à razão

Depois da cúpula do G20, no Rio, o presidente da França, Emmanuel Macron, declarou que “a Rússia está se tornando uma potência desestabilizadora mundial” e fez um apelo a Putin para que adote a razão. “Quero realmente chamar a Rússia à razão. Ela tem responsabilidades como membro permanente do Conselho de Segurança da ONU.” Macron pediu ao homólogo

chinês, Xi Jinping, que exerça “toda a sua influência, pressão e capacidade de negociação sobre Putin para que cesse os ataques”.

Agência France-Press citou o Exército russo, “segundo o qual, às 3h25 de ontem (21h25 de segunda-feira, em Brasília), o inimigo atacou com seis mísseis balísticos uma posição na região de Bryansk”, próxima à fronteira ucraniana. Diretor da organização não governamental Eurasia Democracy Initiative (em

Mads Claus Rasmussen/Ritzau Scanpix/AFP



Zelensky (E) faz selfie com soldado ferido, em hospital militar

Kiev), Peter Zalmayev admitiu ao **Correio** que o precedente foi estabelecido. “A questão é saber se isso mudará o curso da guerra. Muitos especialistas com quem conversei são cautelosos e céticos em relação a isso. Não sabemos, exatamente, o número de mísseis disponíveis dentro do ATACMS”, explicou. “A Ucrânia havia recebido tanques e lança-foguetes HiMars ocidentais, na esperança de alterar o rumo do conflito, mas o inimigo aprendeu

a lidar com esses armamentos e conseguiu neutralizá-los. Eu temo que isso volte a ocorrer. O ataque a Bryansk pode tornar as coisas complicadas para Moscou, mas não terá um impacto decisivo. Esta ainda é uma guerra de trincheiras.”

Lesia Vasyleno — integrante da Verkhovna Rada (Parlamento da Ucrânia) — disse ao **Correio** que a Ucrânia tem armas de longo alcance, inclusive fabricadas no próprio país. “Nós nos defenderemos,

Eu acho...

Aleksandr Indychii



“O decreto assinado por Putin é parte da chantagem nuclear russa. Temos escutado essa retórica desde os primórdios da guerra. Quando Putin fala em retaliar a Otan, na verdade, ele tem feito isso, com sabotagens na Europa. No último domingo, um importante cabo que ligava os países nórdicos foi cortado. A nova Constituição russa determina que as áreas anexadas da Ucrânia, como o Donbass, Kherson e Zaporizhzhia, são territórios pertencentes à Rússia. Putin acusa os EUA e as potências ocidentais de fornecerem armas para a Ucrânia usá-las contra esses territórios ocupados.”

Peter Zalmayev, diretor da organização não governamental Eurasia Democracy Initiative (em Kiev)

com certeza”, afirmou. Ela acusou Putin de cruzar “todas as possíveis linhas vermelhas”. “O presidente russo violou cada uma das regras do direito internacional e ninguém parece se importar com isso. Caso contrário, uma ação decisiva teria sido tomada.”

Professor de política comparada da Universidade de Kyiv-Mohyla, Olexiy Haran esclarece que os mísseis do ATACMS têm alcance médio de até 300km. “Podemos atingir regiões próximas ao front, mas não existe uma ameaça direta a Moscou ou ao centro da Rússia. No entanto, a utilização do ATACMS é importante, porque, agora, temos mais possibilidades de destruir forças russas e norte-coreanas, além de neutralizar a logística da Rússia, como depósitos de munições”, afirmou à reportagem.

O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, marcou o milésimo dia da guerra com um pronunciamento na *Verkhovna Rada*. Diante dos parlamentares, ele assegurou que “a Ucrânia pode vencer a Rússia”. “É muito difícil, mas temos a força interna para conseguir isso”, declarou. Ele advertiu que os ucranianos precisarão esperar a era pós-Putin para “restaurar” a integridade territorial — a Rússia controla um quinto do território ucraniano.

VENEZUELA

EUA reconhecem opositor como presidente eleito

O secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken, qualificou o opositor Edmundo González Urrutia como o “presidente eleito” da Venezuela. “O povo venezuelano se manifestou de forma contundente em 28 de julho” e transformou “Edmundo González em presidente eleito”, afirmou Blinken na rede social X, quase quatro meses depois de Nicolás Maduro ter sido proclamado vencedor em meio a acusações de fraude. Poucos dias após as eleições, o governo do presidente democrata Joe Biden havia declarado que a oposição conquistou o maior número de votos e pediu a publicação das atas eleitorais, mas esta é a primeira vez que chama González de “presidente eleito”.

“A democracia exige respeito à vontade dos eleitores”, acrescentou Blinken na mensagem publicada na rede social X, um dia após ministros das Relações Exteriores discutirem a crise pós-eleitoral na Venezuela, à margem da cúpula do G20, no Rio de Janeiro. Na mesma rede social, González agradeceu “profundamente o reconhecimento à vontade soberana de todos os venezuelanos”. “Este gesto honra o desejo de mudança do nosso povo e a ação cívica que, juntos, protagonizamos no último 28 de julho”, acrescentou o opositor, que se exilou na Espanha em setembro ao ser alvo de uma ordem de captura.

A Venezuela qualificou o reconhecimento de “ridículo”. “Do

Juan Barreto/AFP



único lugar que não se volta é do ridículo, diz o ditado popular”, reagiu o chanceler venezuelano, Yván Gil, no aplicativo Telegram. “Blinken, inimigo confesso da Venezuela, insiste em

voltar a fazê-lo”, acrescentou, referindo-se ao reconhecimento por Washington em 2019 do opositor Juan Guaidó, que se auto-proclamou presidente interino após a primeira e questionada

reeleição de Maduro, em 2018.

Professor de ciência política da Universidad Central de Venezuela (UCV), José Vicente Carrasquero Aumaitre disse ao **Correio** que a notícia era esperada. “Depois da eleição norte-americana, creio ter havido um diálogo bipartidário para anunciar essa decisão o quanto antes. Isso deve colocar mais pressão sobre o regime de Nicolás Maduro”, afirmou.

Na segunda-feira, a Câmara dos Representantes

Edmundo González Urrutia teria vencido as eleições de 28 de julho; regime de Maduro denunciou fraude

dos EUA aprovou o projeto de lei bipartidário Bolívar, que ainda precisa da aprovação do Senado e da assinatura do presidente Joe Biden para entrar em vigor. O texto proíbe a assinatura de contratos com indivíduos ou empresas que façam negócios com qualquer governo venezuelano não reconhecido por Washington. Caracas reagiu com uma declaração furiosa e chamou o ataque de “criminoso”.

“De maneira desavergonhada, colocaram sigla de Bolívar, em uma ofensa ao maior gênio da história americana, que dedicou sua vida a derrotar o imperialismo e o colonialismo, antivalores contidos nesse novo ataque criminoso”, escreveu o Ministério das Relações Exteriores.